



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



França Júnior
O tipo brasileiro



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

O tipo brasileiro

França Júnior

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1882.

Livro Digital nº 832 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Joaquim José de França Júnior

(1838 - 1890)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

O TIPO BRASILEIRO

COMÉDIA EM UM ATO



PERSONAGENS:

TEODORO PAIXÃO (50 anos)

MR. JOHN READ (40 anos)

HENRIQUETA PAIXÃO (20 anos)

HENRIQUE (29 anos)

UM CRIADO

A cena passa-se no Rio de Janeiro. Época: Atualidade.

ATO ÚNICO

Sala elegantemente mobiliada em casa de Teodoro Paixão.

CENA I

Henriqueta e Henrique.

HENRIQUETA (*sentada à direita bordando em um bastidor e cantando*)

Alta noite, tudo dorme,

Tudo é silêncio na terra,

Nem sequer nos ares erra...

HENRIQUE (*entrando*)

Bravo! bravo! Muito bem!

HENRIQUETA (*levantando-se*)

Quem é?!

HENRIQUE

Não te assustes, sou eu. Teu pai não está em casa?

HENRIQUETA

Saiu, mas não deve tardar. O que vieste aqui fazer?

HENRIQUE

O que vim aqui fazer? É que te amo, Henriqueta.

HENRIQUETA

Mas não vês, Henrique, que esse amor é impossível.

HENRIQUE

Não repitas esta palavra.

HENRIQUETA

Conheces a mania de meu pai e sabes perfeitamente que desde o dia em que esse inglês...

HENRIQUE (*com raiva*)

Esse inglês... Quando penso naquele maldito *beef*, sinto ímpetos de empunhar um facão e reduzi-lo a roupa velha. Olha, Henriqueta, está me parecendo que os nossos vão ter um fim muito trágico.

HENRIQUETA

Tu me assustas.

HENRIQUE

É o que te digo. Provoco o bretão, há uma grande água suja, sobrevêm complicações internacionais e eis aí armada uma nova questão anglo-brasileira.

HENRIQUETA

E tudo isto por minha causa?!

HENRIQUE

De que te admiras? Por causa de uma mulher derrubam-se impérios e baqueiam as maiores civilizações. Abre a história e lá verás se erro. O cerco de Troia durou 10 anos. Quem deu origem a essa página de

sangue nos fastos da humanidade? Helena, uma mulher formosa e sedutora, como tu; que tinha uns olhos que despediam chamadas, como os teus, e que o Criador vazara nos moldes da beleza ideal com esse primor artístico com que cinzelou-te o porte encantador. Eu não sou ainda teu marido, mas juro-te como bom carioca, nascido na antiga rua do Piolho e batizado na freguesia de São José, que esse Paris de fraque não há de alcançar o teu amor.

HENRIQUETA

O meu amor, nunca, dizes muito bem, porque o meu coração só pulsa por ti; mas infelizmente não sou senhora de meus atos e a vontade de meu pai vai-se cumprir.

HENRIQUE

Não se há de cumprir. A mania de teu pai pelo estrangeirismo não subirá ao ponto de comprometer a tua felicidade futura.

HENRIQUETA

O que queres? Para ele o estrangeiro é tudo; em sua opinião um brasileiro não presta para nada. Diz-me constantemente que os nossos compatriotas são indolentes, fúteis, sem educação; que esbanjam a fortuna dos pais, e que quando se veem surpreendidos pelo temporal da miséria, agarram-se a um casamento rico como o náufrago à tábua de salvação.

HENRIQUE

Mas isto é uma infâmia! Sou brasileiro, tenho vivido até aqui sob o aguaceiro da desgraça, mas minha alma, em suas santas expansões, jamais se deixou fascinar pelos tesouros que possuís.

HENRIQUETA

Eu te conheço, e no entretanto ele não sabe te compreender.

CENA II

Os mesmos e Teodoro.

TEODORO (*pelo fundo, com alegria*)

Já abracei o homem; acaba de chegar neste instante! (*Deparando com Henrique, à parte*) Este pelintra em minha casa!

HENRIQUE

Como tem passado, Senhor Teodoro?

TEODORO

Vai-se vivendo.

HENRIQUE

Vem muito alegre, Senhor Paixão!

TEODORO

Como veio gordo, bonito, faces rosadas! Olha, Henriqueta, ao descer para o escaler perguntou-me logo em sua meia língua — como vai a sua Excelentíssima filha! E minha *cavala* está bem tratada?

HENRIQUETA (*à parte*)

Que bruto!

HENRIQUE

Ora, eis aí como se define um homem em dois traços. O último, sobretudo, é característico.

TEODORO

Eu já contava com a judiciosa reflexão. Se fosse um brasileiro, antes de informar-se da saúde da família...

HENRIQUE (*com intenção*)

Da família?!

TEODORO

Sim, da família... havia de perguntar qual era o espetáculo da noite no Alcazar, que colarinhos se usavam, se já tínhamos companhia lírica e outras tantas futilidades.

HENRIQUE

Não sei de quem se trata, Senhor Teodoro; mas posso assegurar-lhe que nós brasileiros não somos tão maus como pensa.

TEODORO

Falo de Mr. John Read, engenheiro distinto, que acaba de chegar de uma viagem que foi fazer ao Norte a fim de melhor conhecer este país.

HENRIQUE

Dou-lhe os meus parabéns e há de permitir que me felicite por tão distinto hóspede.

TEODORO

E deve felicitar-se. É um bretão às direitas, sangue azul puríssimo e homem de vistas largas. Uma empresa importante o trouxe ao Brasil!

HENRIQUE

Ah!

TEODORO

É uma ideia de alta conveniência pública, de que os tais senhores brasileiros ainda não se lembraram.

HENRIQUE

Trata-se sem dúvida da liberdade do ventre?

TEODORO

Não, senhor, trata-se de uma ideia que só poderia germinar num cérebro maravilhosamente organizado. Mr. John Read pretende obter do governo um privilégio para encanar cajuadas em toda a cidade.

HENRIQUE

Assombroso! Se é exato que o caju possui altas virtudes medicinais, este homem vale por dez juntas de higiene pública.

TEODORO

Em três meses compromete-se ele a fazer esguichar caldo de caju de miríades de bicas, colocadas nos pontos principais desta capital. Conversando há dias com um engenheiro... brasileiro, disse-me este que duvidava da obra e que o homem era um visionário. Quer ver até onde chega a miséria desta terra?

HENRIQUE

Vejamos!

TEODORO

O homem ainda não obteve o privilégio e no entretanto já começam a fazer-lhe uma guerra de morte todos os confeitores e botequineiros da cidade. Que país! Não se pode ser estrangeiro aqui!

HENRIQUE

Engana-se, Senhor Paixão, brasileiro é que aqui não se pode ser.

TEODORO

Aposto que vem já com o lugar comum favorito: tudo está monopolizado!

HENRIQUE

Ainda não disse nada.

TEODORO

Se tudo está monopolizado é por inteligências superiores às nossas, por ilustrações que nunca havemos de ter...

HENRIQUE

E pelos inúmeros charlatães que cá vêm engodar-nos com cajuadas.

TEODORO

Observo-lhe, Senhor Henrique, que está em minha casa.

HENRIQUE

O Senhor Teodoro é o tipo do brasileiro. Não há país nenhum do mundo que não tenha orgulho de suas glórias, de suas instituições e de suas coisas. Desde a soberba Roma onde o súdito dos Césares dizia cheio de justa satisfação — *civis romanus sum*, até ao canto mais recôndito do globo, o patriotismo tem sido a virtude saliente de todas as classes sociais. O brasileiro desprestigia-se a si próprio, em todos os lugares, a cada momento, nas coisas mais insignificantes da vida e nos maiores acontecimentos dela.

TEODORO

Discursos! Discursos!

HENRIQUE

Apesar de já me ter observado que está em sua casa, peço-lhe que me ouça por alguns instantes. Saímos do colégio ignorando a nossa história; sabemos onde fica a França, a Inglaterra e a Rússia, mas raros são os que podem dizer os nomes das cidades principais do Brasil. No parlamento ninguém cita os luminosos precedentes do nosso passado, roídos pelas traças em solitários arquivos; em compensação porém invocam-se ali, a cada passo, as práticas inglesas e levantam-se soberbos pedestais a lord Derby, Pitt, Thiers, Guisot e a tantos outros luzeiros do velho mundo. A imprensa desprestigia os nossos literatos: quando uma vocação surge, ébria de esperanças, ou morre ignorada, tiritando no gelo da indiferença, ou sucumbe aos golpes da crítica invejosa e mordaz. Não há ninguém honrado no fastígio do poder: os estadistas assumem o governo, cheios de fé, e descem dos conselhos da coroa, feridos na probidade e trazendo no coração os gérmenes da descrença. Se a dignidade da nação empenha-se em cruenta guerra, amesquinhamos as nossas vitórias perante o estrangeiro mandando escrever em todos os jornais do império que nos batemos com inimigos esfaimados, maltrapilhos e covardes. Não é tudo ainda, os guerreiros da rua do Ouvidor dão planos de campanha e, desrespeitando a dignidade do pavilhão nacional, abatem hoje o general que elevaram ontem, para elevarem outro que hão de abater amanhã.

TEODORO

Está provando, meu amigo, que é um brasileiro às direitas; tem discursado maravilhosamente. Estamos fartos de discursos, queremos a realidade.

HENRIQUE

A nossa indústria...

TEODORO (*zangado*)

Ainda? (*Senta-se e lê o jornal*)

HENRIQUE

A nossa indústria definha, humilhada por nós mesmos. O brasileiro que monta um estabelecimento industrial trata logo de ocultar a nacionalidade dos seus produtos em pomposos rótulos estrangeiros. O senhor, por exemplo, detesta a cerveja brasileira; no entanto vai beber, por dez tostões a garrafa, a cerveja que o rótulo afirma ser inglesa e que poderia saborear pela módica quantia de uma pataca. Envergonhamo-nos das tradições as mais populares que todos os povos civilizados respeitam como legados preciosos do passado. Vamos de dia em dia perdendo o tipo na família, nos hábitos, nos costumes, e finalmente até já começamos a prostituir a própria língua que falamos! O Senhor Teodoro é a personificação eloquente do que acabo de dizer. Mas o que é isto? Está lendo?

TEODORO

É verdade. Ora, ouça. "Grande exposição de camelos da Costa da África. Entrada 1\$000."

HENRIQUE

Eis aí ainda uma prova do nosso pouco amor à pátria, e do maldito estrangeirismo que vai tudo invadindo. Camelos da Costa da África! Este país tem muito bons camelos, pode dizê-lo com orgulho, não há necessidade de ir mendigá-los ao estrangeiro.

TEODORO (*com intenção*)

Lá isso tem, é a pura verdade.

HENRIQUE

Talvez militasse no ânimo do expositor uma razão muito poderosa de economia.

TEODORO

Qual é?

HENRIQUE

É que o camelo da Costa da África pode passar muitos dias sem comer; os camelos do Brasil são os que mais comem.

TEODORO (*levanta-se, à parte*)

Patife! (*Baixo a Henriqueta*) Despeça-me este sujeito: não quero vê-lo mais aqui.

HENRIQUETA (*baixo*)

Mas meu pai...

TEODORO (*para Henrique*)

Sinto não poder ouvi-lo mais, tenho que fazer. Ah! é verdade, aproveito a ocasião para dizer-lhe que minha filha vai casar com Mr. John Read. (*Sai*)

CENA III

Henrique e Henriqueta.

HENRIQUE

Chama-se isto em bom português pôr-me no andar da rua.

HENRIQUETA

Tu mesmo és o culpado; por que falas-lhe sempre por aquele modo?

HENRIQUE

Eu ando cheio até aqui, (*mostra a garganta*) Henriqueta. Aborrece-me ver por toda a parte o desprestígio de tudo o que é nosso e sinto a bÍlis ferver-me nas faces quando vejo o gênio brasileiro encarnado

em teu pai. Mas tratemos de nós, só de nós. O que nos resta agora fazer?

HENRIQUETA

Esquece-me; és moço e inteligente e ainda podes ser muito feliz.

HENRIQUE

Esquecer-te? Tu não me amas!

HENRIQUETA

Já não te disse que o meu coração só pulsa por ti?

HENRIQUE

Então é necessário que esse inglês desapareça.

HENRIQUETA

Como?!

HENRIQUE

Diante de uma pistola, de um cólera-morbus, de uma febre amarela, de um tifo.

HENRIQUETA

Estás louco?!

HENRIQUE

É preciso que a todo o transe se levante uma barreira entre ti e o filho da Ilha Grande. Vê se achas um meio, anda, inspira-me.

HENRIQUETA

Queres porventura que te aconselhe um crime?!

HENRIQUE (*batendo na testa*)

Ah! Achei! Estamos salvos! (*Sai correndo*)

HENRIQUETA

Henrique! Henrique! O que iria ele fazer, meu Deus?!

CENA IV

Henriqueta e Teodoro.

TEODORO

Já se foi aquele pelintra? Ora, graças a Deus! Olha para cá, menina; nada dos muxoxos costumados diante de teu noivo. Estuda um ar senhoril e compenetra-te da ideia de que vais ser a mulher de um inglês! Miss Henriqueta Paixão Read! Que nome! Tem o diabo do Paixão que desconcerta-lhe a harmonia estrangeira, mas enfim, se quiseres, podes tirá-lo.

HENRIQUETA

Não renego o nome de meus pais.

TEODORO

Não digo isso, mas esta maldita língua portuguesa é tão cheia de *ãos, ãos, ãos*, que nos assemelham, quando conversamos, a uma matilha de cães a ladrar.

HENRIQUETA

Ora, papai, "cá e lá más fadas há".

TEODORO

Minha filha, não há língua nenhuma no mundo tão burlesca e tão pouco significativa como a nossa. O inglês diz *yess* e sente-se na força do termo a resolução tomada, a convicção inabalável, o caráter do povo, enfim... *Yess* é uma palavra de pedra e cal. Quando o francês diz *oui*, quem não vê transparecer neste simples vocábulo a jovialidade, a alegria, a expansão generosa do povo do espírito? O alemão diz *ya*, e vê-se um povo aberto, franco e inteligente. O italiano...

HENRIQUETA

Não há necessidade de vosmecê esgotar a sua lógica para demonstrar-me que a nossa língua nada significa. Dou-me por convencida.

TEODORO

Ainda bem. Lastimo, entretanto, que não fales as línguas dos povos cultos. Estiveste bem contra a minha vontade em um colégio dirigido por uma brasileira que apenas te ensinou a fazer tricô, bordados, marcas, crochê... futilidades em suma.

HENRIQUETA

Conheço a minha língua; não sou como muitas que estudam o francês, inglês, alemão, o que sei eu? em colégios estrangeiros e saem deles ignorando o português.

TEODORO

Meu pai também mandou-me educar em colégio brasileiro... Saí um perfeito burro... Se arranho uma ou outra palavra dos idiomas estrangeiros devo-o a mim mesmo e à sociedade que frequento. (*Vendo o relógio*) Duas horas. O inglês já deve vir subindo as escadas. Ele disse-me: "*Às duas horas em ponto lá estarei.*" E quando um inglês diz, cumpre.

CENA V

Os mesmos e John.

JOHN

Mim pode entra?

TEODORO (*com alegria*)

Ei-lo, eu bem dizia.

JOHN (*apertando com força a mão de Teodoro*)

How do you do, sir?

TEODORO (*à parte*)

Irra.

JOHN (*apertando com força a mão de Henriqueta*)
Coma passa. Mim estar com muitas saudades de você.

HENRIQUETA (*à parte*).
Que brutalidade!

JOHN
Coração estar muito comprimida. Tres meses sem vê você, passa aborrecida, não pode viver dirreita.

TEODORO
Eu imagino; por toda a parte a imagem do objeto amado, nos raios da lua, na estrela que brilha no firmamento, nas flores.

JOHN
Oh! *yess, very well.*

TEODORO
No sol a dourar a crista das montanhas, no mar...

JOHN
Oh! non, non, no mar mim estar passa muito bem; mim come roast beef e bebe port wine, sem recorda ferida de coração. Quando estar em terra, lembra filha de você, e non pode mais bebe.

TEODORO
Avalio o quanto terá sofrido.

JOHN
Muito, mim estar bastante contente por ter viaja país de você.

TEODORO
É muita bondade. Um país bárbaro, atrasado. (*À Henriqueta*) Menina, manda trazer cerveja. (*Henriqueta sai pela direita*)

CENA VI

John, Teodoro e depois um Criado.

JOHN

Natureze aqui fica muito grandiose. Brasileira não sabe aproveitar riqueza de Brasil; estar tudo preguiça. Não estar precisa planta neste terra: fuma e milha nasce nas telhadas; quem quer sustenta sua cavala de graça, manda bota em campo de Santa Ana.

TEODORO

É a pura verdade; nunca havemos de ser nada.

JOHN

Oh! non; você pode ainda ser muita.

TEODORO

Como achou o Norte?

JOHN

Beautiful! Mas não tem passa lá muito bem. Falta confortável de vida, que este terra não conhece. Mim quando vai p'ra Inglaterra, escreve uma livra, e há de mostra o que estar Brasil. Estar gosta um pouco de Pernambuco, muito de Pará. Oh! Pará is very fine. Eu compra lá muito borracha, e leva uma carregamenta para Liverpool. Não estar muito querida d' Amazonas...

TEODORO

Um deserto! Um ninho de crocodilos, cobras e mosquitos.

JOHN

Mim não tem lá carne para come. Estar lá muito tempa bastante doente.

TEODORO

E não me mandou dizer nada!

JOHN

Quase deixa ossos neste terra.

TEODORO

Então o que foi?

JOHN

Dar-me p'ra almoça e janta só caurubu, caurubu.

TEODORO

Deram-lhe urubu para comer?!

JOHN

Oh! yess, caurubu.

TEODORO

Que vergonha! O que não dirão deste país os estrangeiros! Urubu!
Um pássaro grande, que come carniça?!

JOHN

Non, non, uma peixe.

TEODORO

Ah! pirarucu!

JOHN

Very well, saurucucu!

TEODORO

Mr. John, creia que me sobe o rubor às faces todas as vezes que vejo um estrangeiro da sua ordem aportar a estas malditas plagas.

JOHN

Não fala assim. Mim estar muito contenta, por exempla, de Bahia. Tem intestinas estragadas de vatapá, mas dá tudo por muito bem empregada.

TEODORO

E para que foi comer essas extravagâncias, que são um veneno para o estômago?

JOHN

Oh! não diz isso. Se vatapá estar venena, eu quer morre com o boca dentra de terrina. Mim leva muites saudades de Bahia p'ra Ingliterre: mulatines e crioulines canta lá laundus, que espreme curação de gente.

TEODORO

Este maganão!

JOHN

Laundu de Bahia faz bole com perna, vira cabeça, beija treme e fica caída, arrepiá cabelo daqui. (Mostra a nuca) Mim estar muito incomodada com este coisa.

TEODORO

Uma música chula.

JOHN

Eu vem canta tode viagem. Oh! tem piana aqui, eu vai canta laundu.

TEODORO (*à parte*)

Como são joviais estes ladrões!

JOHN (*abrindo o piano e tocando*)

Espera uma pouca, acerta desacompanhamenta. (Acompanhando) Very well.

Mulatines dá caroce

Na pescoce,

Aqui está tua cambau,

Mete ferra do gilhadau,

Minha amada,

No teu dengue cachorrau.

Mim gosta de cor morrena,

Muito amena,

Das bolinhas de mãe benta,

*Desse cor que se coloca
No pipoca
Do lada que non rebenta.
Beautiful! Beautiful!*

TEODORO

Bravo, muito bem. Que excelente voz!

JOHN

Mim aprende música em Inglaterra, e leva p'ra lá todes esses bonites coses.

TEODORO (*gritando para dentro*)

Ó menina, vem ou não esta cerveja?

JOHN

Não se incomoda; eu já tem bebe uma dúzia de garrafas: pode espera. (Entra um criado com uma bandeja com copos de cerveja e coloca-a na mesa. Batem na porta)

TEODORO (*para o criado*)

Vê quem é.

(*O criado sai*)

JOHN (*abanando-se*)

Non pode suporta este calor.

CRIADO

Um senhor estrangeiro deseja falar-lhe.

TEODORO

Um estrangeiro?! Manda-o entrar.

(*O criado introduz Henrique*)

CENA VII

Teodoro, John e Henrique.

HENRIQUE (*com barbas e cabeleira postiças imitando um francês*)
Non é aqui que morra Monsieur Theodore Passion?

TEODORO

Um seu criado, senhor; tenha a bondade de sentar-se.

HENRIQUE

Sans façon, Monsieur, non se encomode.

TEODORO

Ora, por quem é.

HENRIQUE

Je suis venu a sa case, monsieur, parce qu'on m'a dit que monsieur protege todos os estrangeiros que vêm ô Brésil. Eu já tem estado aqui cinco anos, e por toda a parte ouvi falar no nome de vossa senhorie.

TEODORO

Oh, meu caro senhor, é muita bondade.

HENRIQUE

Eu vem agora diretamente de Lisbonne pour arranje um negócio com o governo e pede que vossa senhorie me concede sa valieuse protection. Je suis né à Paris, monsieur, dans la rue du Chateau Margot n^o 100, foi baptisade no freguezie du Chateau La Rose, e ma famille demeure presantemente no traverse du Chateau La Pipe. Sou um francês de fine sociedade.

TEODORO

Está-se vendo, meu caro senhor, as suas maneiras, o seu todo... Poderei saber qual o negócio que o trouxe pela segunda vez ao Brasil?

HENRIQUE

Eu tem ideia de montar aqui um grande fabrique de pomade. Quase todos os brasileiros, senhor, são muito pomadistes e eu tem esperance de fazer beaucoup d'argent neste país. O senhor non acha?

TEODORO

Não sei; toda a ideia generosa e civilizadora que aqui aparece é recebida com o riso da incredulidade.

HENRIQUE

Eu me compromete, eu sozinha, a dar pomade a tout le monde. Já tem meus calculs todos feito. Se eu consegue arranjar ser pomadiste universal avec garantie du gouvernement, acaba de uma vez com pomade falsificade que se consume em tudo o Brésil.

TEODORO

Se o senhor conseguir acabar com o sebo de Holanda que nos impingem os taverneiros e os nossos mascates ambulantes...

HENRIQUE

O senhor toca justamente no ponte que eu queria chegar. Mediante un processe que eu acaba de descobrir, eu pretende elevar o sebo de Holanda à altura de la plus superfine banha de urso dos fabriques de todo Europe.

TEODORO

Meu caro amigo, a minha humilde proteção está ao serviço de todos os estrangeiros inteligentes e laboriosos que aportam a este país. Hei de fazer todo o possível por apresentá-lo nos melhores círculos; farei com que toda a imprensa se ocupe de um hóspede tão ilustre, empenhar-me-ei enfim para que a sua ideia seja coroada do feliz resultado a que tem direito; mas digo-lhe desde já que conte com a inveja dos meus compatriotas, que são a gente mais levada do diabo deste mundo.

HENRIQUE

Não crê; brasileira goste de pomade, e eu ganhe dinheiro.

TEODORO (a John, que durante o diálogo tem lido o jornal)

O que diz a isto, Mr. John? Ah! é verdade, tinha-me esquecido de apresentá-lo. Mr. John Read, industrial como o senhor e uma das glórias da velha Inglaterra. (*John inclina a cabeça*)

HENRIQUE

Tem muita satisfaction de faire o seu conhecimento, senhor.

TEODORO

Tinha mandado vir cerveja quando o senhor entrou... Por favor, não façam cerimônia. (*Bebem os dois, menos Henrique*)

JOHN (*depois de ter bebido*)

Este cerveja estar muito ordinária.

TEODORO

Posso asseverar-lhe que é legítima inglesa.

JOHN

Non, quem vende engana a vouce.

HENRIQUE

Deixe-me ver, senhor; eu já tem tido um fabrique de cerveja no Suisse, e entende muito desta bebida. (Bebe) Monsieur Theodore a raison, muito bom cerveja inglesa. (À parte, com voz natural) É legítima marca barbante; uma pataca a garrafa. (Alto) O senhor non fume? (Oferece charutos a John)

JOHN

Obrigada; mim tem charutas. (Tira um charuto do bolso e fuma)

HENRIQUE

Não quer, senhor? (Dá um charuto a Teodoro, que aceita) Eu gosta muito de fumar destes cigarros.

TEODORO (*fumando*)

É um delicioso havana.

HENRIQUE

Eu não pode fumar que cigarros de Havana.

TEODORO

Está como eu. Este é magnífico! Não sei como se possa tragar charutos daqui.

HENRIQUE

Eu manda vir diretamente de Cubá. (À parte) Recebo-os da Bahia.

TEODORO

Mas dizia-lhe eu que toda a ideia grandiosa é recebida neste país à ponta de baioneta. Tem o senhor a prova eloquente disto em Mr. John Read.

HENRIQUE

Ah! o senhor também tem *um ideia?*

TEODORO

E que ideia! Um ideão! Encanar cajuadas em toda a cidade e dar-nos excelente caldo dessa deliciosa fruta a dois vinténs o copo.

HENRIQUE

Tiens, vraiment, que c'est bon ça! Mais c'est difficile pour encanar cajuades dans cette ville!

JOHN

Processa estar perfeitamente estudada. Mim pode explica a voucê, porque tem segreda que eu só conhece e mim estar arranja tudo muito bem.

HENRIQUE

Doit être un machinisme très compliqué!

JOHN

Machinisma muito fácil. Mim coloca aparelha no Ponta de Caju. As cajuas são colocadas em uma reservatória e daí conduz fruta perfeitamente madura por um roda a uma ponta dada! Neste ponta mim estar fazer uma sistema de

guilhotine, que logo que a caju presenta seu cabeça arranca o castanha em três tempos. O castanha separada da caju cai em uma tubo que vai ter a uma outra reservatória. Caju passa então por grandes cilindras, é espremida perfeitamente, retirada todo o calda, a bagaça fica para uma lada, e o líquida vai para uma caldeira, onde, por uma machinisma especial, entra o açúcar e água necessária para o tempera. Depois de feroída tudo isso, para não fica picada, passa para destilador, sai todos os porcarias de caju, e vai por uma tubo para o caixa matriz. Daí é distribuída em encanamentas de barro...

HENRIQUE

Como dans la compagnie City Improvements?

JOHN

Oh! Yess.

HENRIQUE

Mais c'est une maravilhe. E precise entretante recomendar de botar sempre água no recipiente, que é para não deixar sair cheiro de caju.

TEODORO

É um ideão!

JOHN

Em cada esquina há um pilastra com um torneira e uma pequena caixão para mete dentro dele vendedor de caju. Cada cajuada custa duas vinténs.

HENRIQUE

Deve ser une empresa três lucrative.

TEODORO

É um negócio da China.

JOHN

Já tem minhas cálculos tudo feito. Rio de Janeiro tem quatracentas mil almas; desses quatracentas, cinquenta mil bebe caju. Cinquenta mil na razão de quarenta réis prefaz quantia de duas contas de réis por dia. Tem

ainda mais. Ninguém bebe caju sem apresenta cartão. Mim calcula emissão de dez contas de réis de cartão por dia. Neste emissão com os cartões que perde, o jura do dinheiro, cartão que mim non paga, porque diz que é falsa, fica mais com uma conto de réis por dia; com as duas contos acima faz trez, e mim pode faze na fim de ana mil e tantas contos.

TEODORO

E então?!

HENRIQUE

Eu tem também autre idée, senhor, que me há de ainda tornar célèbre dans tout le monde.

TEODORO

Só o Brasil nada inventa, nada descobre!

HENRIQUE

Eu, senhor, eu acaba de descobrir la direction du balon aéreostatique.

JOHN

Oh! non pode!

HENRIQUE

Eu vai comunicar ao senhor meu segrede, que é precise ainda estudar.

TEODORO

Até onde vão esses homens!

HENRIQUE

La direction du balon aérostati que, senhor, é o coisa mais facile deste mundo. Supóe vosmecê (Segurando na cabeça de John) que isto é o terra.

JOHN (com dignidade)

Minha cabeça non estar globe terraque. Si voucê quer demonstra ideia, segura em sua chapéu.

HENRIQUE

Non é precise zangar, senhor. (Segurando em seu chapéu). Supõe vosmecê que isto é o terra. Ora, senhor sabe que o terre está constantemente girando. O senhor quer ir au Chine, par exemple, não tem mais que sóbe cô balon a uma certe altura; fica lá parade, e esperra que o Chine passe. Quando vosmecê aviste o Chine desce tout de suite, e assim em muito pouco tempo pode viajar tout le monde.

TEODORO

É assombroso!

JOHN

Non póde! non póde!

TEODORO (à parte)

Vejamos agora os dois.

JOHN

Eu vai explica a voucê que non póde. Mim estar uma vez com a cabeça doenta, cidade todo anda à roda, e mim espera numa canto que meu porta passa para mete chave. Mim fica na mesma lugar, e porta non passe. Baláo não póde cai no Chine.

HENRIQUE

Vossa Senhora há de ver.

JOHN (baixo a Teodoro)

Mim precisa fala em particular com voucê sobre privilegia de caju. O negócio há de ser decedida este semana.

TEODORO (a Henrique)

Monsiú, esta casa é sua, pode ficar aqui ou entrar; esteja como lhe aprouver.

HENRIQUE

Si eu encomode Vossa Senhorrie eu vai me embora.

TEODORO

Não, senhor, há de ficar para jantar conosco e dar-nos, todas as vezes que quiser, o prazer de sua amável companhia. Eu vou chamar minha filha. Fique aqui conversando com ela, enquanto trato um negócio importante com este senhor. (*Gritando para dentro*) Henriqueta? Ó Henriqueta?

HENRIQUE

É muita bondade de Vossa Senhorrie.

CENA VIII

Os mesmos e Henriqueta.

HENRIQUETA

Meu pai chamou-me?

TEODORO (*apresentando Henriqueta*)

Minha filha.

HENRIQUE

Bon jour, mademoiselle, comment vous portez vous? O senhor tem uma filha trop interessante. (John lança um olhar de ciúme para Henrique)

TEODORO

Entretém este senhor, que nós já voltamos. (*Sai com John*)

CENA IX

Henrique e Henriqueta.

HENRIQUETA (*à parte*)

O que hei de dizer a este mono? (*Henrique vai pé ante pé examinar as portas*) O que é isto, senhor?

HENRIQUE

Sciu!

HENRIQUETA (*assustada*)

Eu grito.

HENRIQUE

Sciu! (*Segura na cintura de Henriqueta*)

HENRIQUETA

Deixe-me.

HENRIQUE

Não te assustes, sou eu. (*Tira as barbas*)

HENRIQUETA

Henrique!

HENRIQUE

Sim, sou eu, o teu Henrique, disfarçado em francês pomadista. Teu pai recebeu-me de braços abertos, porque disse-lhe que tinha nascido na rua do Chateau Margot, vendi-lhe pomada por muito tempo, convidou-me para jantar e aqui instalou-me sem perguntar-me sequer o nome.

HENRIQUETA

O que pretendes fazer agora?

HENRIQUE

Não sei em que acabará esta comédia; mas tenho fé que a minha ideia há de ser bem sucedida. Olha, Henriqueta, se eu te pedisse a mão na qualidade de francês?

HENRIQUETA

Nada conseguirias.

HENRIQUE

Pois bem, mas consigo, em todo o caso uma coisa.

HENRIQUETA

O que é?

HENRIQUE

Provocar o meu rival.

HENRIQUETA

Henrique, tu deliras!

HENRIQUE

Não, Henriqueta, estou em perfeito uso de razão. O inglês saiu daqui meio atravessado com a ideia de ficarmos a sós, eu aumentei ainda a aflição ao aflito, dizendo a teu pai que tu eras muito interessante. Não dou um segundo que o ousado bretão não esteja aqui de sentinela.

HENRIQUETA

Vai-te embora.

HENRIQUE

Daqui não sairei.

CENA X

Os mesmos e John.

JOHN (*dentro*)

Mim já volta; só um instanta.

HENRIQUE

Aí vem o inglês. (*Põe as barbas*) *Je vous adore, mademoiselle!* (*Ajoelha-se aos pés de Henriqueta e beija-lhe as mãos*). *Oh, je vaus aime!* (*Henriqueta procura esquivar-se*)

JOHN (*entrando*)

Desafôra!

HENRIQUE

Qu'est ce que o senhor tem com isso?

JOHN

O que eu tem com issa?... Eu vai já te ensina. (Forma um soco)

HENRIQUE

Atira soco, patife. (John vai dar um soco, Henrique dá-lhe uma cabeçada que o lança ao chão. À parte) Esta é legítima brasileira.

HENRIQUETA

Meus senhores, por piedade!

JOHN

Deixa mim ensina francês. (Dá um outro soco que é correspondido com outra cabeçada)

HENRIQUETA

Meu pai? Meu pai?

CENA XI

John, Henrique, Henriqueta e Teodoro.

TEODORO

O que é isto, senhores?!

JOHN

Mim encontra este francês aos pés de filha de voucê, mim vai dar-lhe um soco, e ele mete cabeça em mim.

HENRIQUE

Eu repele l'aggression, que senhor me faz; mais je suis un français de bone famille, eu desafia senhor para uma duelo.

JOHN

Mim aceita duelo.

TEODORO

Muito bem; procedem com a dignidade de estrangeiros ofendidos. Infelizmente não temos essas práticas. Mr. John, eu serei seu padrinho.

HENRIQUE

Au toque d'aragon eu estarrei no Matadouro com meus testemunhas.

HENRIQUETA (*à parte*)

Meu Deus!

JOHN

Mas mim ainda não sabe sua nome!

TEODORO

É verdade, o seu nome?

HENRIQUE

Ernesto Guillaume, membre de la société higienique des parfumistes de Paris, president de l'Association du cosmetique bleu, sócio honoraire de la société cheval de Bronze, condecorado com a orde de la fleur du thé de la Chine.

JOHN (*sobressaltado*)

Ernesto Guillaume? Voucê estar mora em Pariz?!

HENRIQUE (*à parte*)

O meu nome sobressalta o inglês! Aqui há mistério. (*Alto*) *A Paris, senhor.*

JOHN

Na rua de São Honoré?

HENRIQUE

Isso mesmo.

JOHN

Número vinte?

HENRIQUE

Número vinte. (*À parte*) Oh! a Providência! Parece-me que ela me guia os passos.

JOHN

Número vinte?

HENRIQUE

Eu já disse ô senhor que sim. (À parte) Vou já saber de tudo. (Alto) Eu conhece o senhor perfeitamente, senhor não me embace.

JOHN (*baixo*)

Cala sua boca, não me compromete.

HENRIQUE (*à parte*)

Bravo!

JOHN (*para Teodoro e Henriqueta*)

Mim precisa fala sozinha com este senhor.

TEODORO (*à parte*)

Aqui há grande mistério. (*Sai Henriqueta. Teodoro finge que sai e fica a espreitar*)

CENA XII

Henrique, John e Teodoro.

HENRIQUE (*à parte*)

Vou dar por paus e por pedras, para chegar ao conhecimento disto. (*Alto*) *Eu conhece o senhor muito bem.*

JOHN

Não fala alta.

HENRIQUE

Há de falar, e diz que senhor é um grande tratante.

JOHN

Mas voucê não é dono de casa; mim não tem estada ainda em Pariz, mas dono de casa tem estada comigo em Liverpool.

HENRIQUE (*à parte*)

Que diabo de embrulhada!... (Alto) Eu já disse que conhece o senhor perfeitamente.

JOHN

Mim deve, senhor, mim não nega este grande dívida; mas mim paga.

HENRIQUE (*à parte*)

Oh, agora compreendo tudo! Dei por fatalidade o nome de uma casa comercial em Paris, onde este patife deve muito dinheiro. (Alto) Sim, senhor, sabe o senhor que je suis o irmon do dono deste case, e que vem diretamente au Brésil por cobrar este dívida. Quando je suis entré ici, foi por apanhar o senhor, e eu não sai daqui, sem dinheiro contade.

JOHN

Fala baixo. Escuta. Mim estar casa com este menina, ela traz muita dinheira de dote, eu arranja inda dinheira de brasileira com minha privilégio, e paga tudo a voucê.

TEODORO (*à parte*)

Que ouço!

HENRIQUE (*à parte*)

Ó tratante! (Alto) Eu não quero palavra de senhor, senhor já falta su palavra quando promete a meu irmon de pagar, e eu quero garantie.

TEODORO (*à parte*)

É impossível que eu não esteja sonhando.

JOHN

Que quer que eu faz?...

HENRIQUE

Escreve no papel isso que senhor diz, e eu esperro.

JOHN

Non, mim não escreve nada.

HENRIQUE

Então bote pra cá dinheiro.

TEODORO (*vindo à cena*)

Não é necessário escrever, eu ouvi tudo.

JOHN

Oh!

HENRIQUE (*à parte*)

Obrigado, Senhora Dona Providência!

TEODORO

Saia desta casa, senhor.

JOHN

Você não tem nada com minha negocia particular com esta sujeito. Você me dar mão de sua filha, eu casa com ela. Mim estar home de bem.

TEODORO

Homem de bem! Você é um grandíssimo patife, que veio aqui enganar-me com cajuadas para apanhar o dinheiro da pequena.

JOHN

Espera uma pouca, eu quer fala.

TEODORO

Saia, já lhe disse.

JOHN

Arranja ao menos minha negocia, e mim fica muito contente com você.

TEODORO *(como procurando um pau)*

O que eu vou arranjar é um cacete para obrigá-lo a sair.

JOHN *(à parte)*

Mim foge amanhã de cidade, e fica livre de credor. (Toma a chapéu e sai correndo)

TEODORO *(para Henrique)*

E você também o que faz ainda aqui?

HENRIQUE

Mr. Theodore Passion, je demande la mam de mademoiselle Henriette.

TEODORO

O quê? Rua, rua, senhor. Nenhum de vocês me engoda mais.

HENRIQUE

Senhor non tem dirreito de me despede de sua casa sem consultar primeiro vontade de sa filha.

TEODORO

Eu tenho o direito de lhe rachar até a cabeça agora mesmo.

HENRIQUE

Fala com mademoiseile, senhor. (Falando para dentro) Faz favor, mademoiseile. Mademoiselle Henriette?

CENA XIII

Teodoro, Henriqueta e Henrique.

HENRIQUETA *(à parte)*

O que terá havido, meu Deus!

HENRIQUE

Eu pede seu mão a seu pai, e precisa de seu consentimento, senhora.

HENRIQUETA

Se for do gosto de meu pai casar-me-ei com o senhor.

TEODORO

Nunca! Nesta casa não há de entrar mais tratante algum. Consinto no teu casamento com o Senhor Henrique. Quanto ao senhor, sumasse.

HENRIQUE *(tirando as barbas e com voz natural)*

Muito obrigado, Senhor Teodoro Paixão.

TEODORO

Pois era o senhor?!

HENRIQUE

É verdade; um brasileiro, ainda quando nenhum préstimo tenha, serve ao menos para desmascarar um tratante. Receba calado esta lição, e aprenda a respeitar a terra das bananas e palmeiras, onde canta o sabiá. Deite-nos a sua bênção.

TEODORO *(abençoando-os)*

Deus os faça santos.

HENRIQUE

Merci, Mr. Theodore Passion.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com